

14
anos
saber

Tudo sobre o Funchal Jazz 2011

Conversas com Sabor: Sonya e António Reis

saber

MADEIRA



HELENA PEDRO NUNES

**“A pintura é uma paixão
que vem desde criança”**



Dossier especial
Saúde & Beleza

GONÇALO CADILHE

**“A minha vida é
sempre uma viagem”**

HÉLDER SPÍNOLA

“A minha candidatura é uma resposta directa à irresponsabilidade da governação regional e nacional”

ANO XIV • N.º 168 Mensal • MAIO 2011 • €2



PERFIL

GONÇALO CADILHE
**“A minha vida
é sempre uma
viagem, uma
liberdade...”**

É um nome incontornável na literatura de viagens em Portugal e já percorreu os quatro cantos do mundo de mochila às costas. Colecciona memórias, estórias e referências culturais e históricas desses locais, onde também vai deixando a sua marca. Experiências que o vão enriquecendo e que partilha sob a forma de crónicas, livros e documentários. Gonçalo Cadilhe, 43 anos, é o nosso entrevistado desta edição na rubrica Perfil. O viajante profissional confidenciou-nos como foi se adaptando e mudando ao longo de mais de 20 anos de viagens...

Natalia Faria
Fotos: Fábio Marques e D.R.

Já está programada a próxima viagem?

Já. A próxima viagem recupera a anterior. Estou numa longa e intermitente obsessão com a vida e obra do Fernão Mendes Pinto. O ano de 1510 é a data provável do nascimento deste que é o autor da “Peregrinação”, é uma data quase convencional, pode ter sido 1509 ou 1511. Em 2010, 500 anos depois, aquando da comemoração do nascimento do Fernão Mendes Pinto, pensei na possibilidade de poder basear-me na sua obra para fazer as minhas próprias viagens. Ao longo de 2010, fui fazendo vários raids a alguns dos lugares descritos na Peregrinação. Alguns ainda estão por visitar e, nesse sentido, a minha próxima viagem vai ser para completar, dentro da medida do possível, esse puzzle que são as viagens do Fernão Mendes Pinto. Para ser mais concreto, a minha próxima viagem é ao sudoeste asiático, à Tailândia, ao Laos e à Birmânia, precisamente para visitar os lugares que Fernão Mendes Pinto descre-



Molucas (Junho 2007)

ve, os que nós sabemos, com quase toda a certeza, que equivalem hoje àqueles lugares onde me dirijo. Um dos grandes enigmas da “Peregrinação” era saber exactamente que lugares eram aqueles que ele descrevia, que ele designava por nomes perfeitamente medievais. Por exemplo, o reino do Sião daquela época é hoje a Tailândia. Em outros casos não se consegue perceber a que sítios Fernão Mendes está a

referir-se.

Este projecto obriga a uma grande investigação?

Obriga, sim. Eu estou a seguir as directivas da fundação do Oriente, que precisamente durante a efeméride de celebração dos 500 anos de Fernão Mendes Pinto, editou uma versão da “Peregrinação”, da autoria de historiadores e cientistas. Trata-se de uma versão mais apurada, com uma série de estudos e de

livros que a complementam e estou a seguir as indicações e directivas dessa publicação. Tenho tido a possibilidade de entrevistar alguns desses autores que colaboraram nesta nova edição e a minha curiosidade em certos pontos específicos tem sido satisfeita. A pesquisa é, no fundo, feita através da leitura. Ao longo do ano passado viajei com quilos de livros, alguns dos quais completamente fora do circuito comercial, são de alfarrabistas.

Ainda viaja de mochila às costas ou já se rendeu ao trolley?

Eu já me teria rendido ao trolley, se os lugares para onde vou permitissem uma mala com rodinhas. Mas estes países da Ásia, para onde eu tenho viajado na rota do Fernão Mendes Pinto (o Vietname, o Camboja, a Indonésia) são países tão periclitantes, nos quais é quase impossível uma viagem com uma mala que tenha rodinhas. Não têm as infra-estruturas urbanas que a Europa tem e, portanto, a mochila continua a ser a mala mais prática, a companheira mais fiel, embora isso depois se pague com as dores nas costas.

O que é que um viajante como o Gonçalo leva na sua mochila?

A minha resposta é a de um viajante profissional, é uma resposta muito condicionada. Levo sempre uma máquina fotográfica, um computador, onde continuo a efectuar o meu trabalho à medida que vou viajando. A minha vida não é estanque. Viajo sempre com uma série de prazos de entrega para as várias revistas para onde trabalho, com uma série de compromissos com os leitores através da correspondência que tenho que manter com eles. Recebo dezenas de cartas por semana, de leitores que escrevem para o meu email e para o meu site. Tenho também um compromisso com a Antena 1 que me obriga a ter, todas as sextas-feiras de manhã, uma crónica em directo. Tenho que levar também um passaporte e um visto que me permitam entrar num país sem problemas, para efectuar o meu trabalho. Mas há uma coisa que nunca deve faltar na bagagem do viajante e que é o sorriso. Este é a melhor ferramenta para se viajar pelo mun-



Katmandu (Maio 2009)

do. Também, muito mais importante do que ter tempo ou dinheiro, é ter a disposição necessária para viajar. **Tem saudades das primeiras viagens que fez, em que trabalhava durante estas para as despesas, viagens que eram mais libertas dos compromissos que tem agora para cumprir?**

Eu não tenho propriamente saudades, tenho é noção de que, na vida, há fases para tudo. Cada coisa deve

ter o seu momento e eu sinto que essa liberdade, que era também uma consequência da falta de meios e de uma falta de ambição profissional muito própria dos jovens que ainda anda à procura, teve o seu momento. Portanto, eu não tenho saudades, porque estou, neste momento, exactamente onde eu queria chegar na minha vida de viajante e na minha carreira de escritor. Foi construído por mim. Não tenho sequer o direito

de dizer que tenho saudades, porque afinal estou onde sempre quis chegar. Por outro lado, também tenho a noção de que se eu quiser, daqui a uns anos, retroceder, acalmar e voltar a viajar sem qualquer compromisso e sem qualquer responsabilidade, é muito simples, basta um ano e meio ou dois antes começar a libertar-me de todos os compromissos. Portanto, nem sequer considero que o passado seja irreversível no sentido da saudade. Claro que a idade é outra, a condição física é outra e o olhar do viajante é outro. Eu já não tenho a ingenuidade nem o entusiasmo, que nunca poderei recuperar, de quando tinha 20 anos. Sinto-me muito sereno com tudo o que fiz na vida, não mudaria uma vírgula se voltasse atrás, e isso inclui a fase em que estou agora e essa noção de que o que eu desejava para mim é o que está a acontecer.

Então, sente-se livre, dentro das restrições que tem em cada viagem?

Sinto. Citando uma frase do Sartre, acho que a maior liberdade não é fazer o que se gosta, mas gostar do que se faz. E nesse sentido eu sou, talvez, o homem mais livre do mundo.

Nestes anos todos de profissionalização das suas viagens, nunca houve nenhuma em que tivesse parado com os compromissos e viajado livremente?

Sim houve. Houve um momento em que eu, de certa forma, voltei a esse estado de alma do viajante. Foi no ano em que cumpri 40 anos, decidi que esse ano ia ser uma viagem ao sabor do tempo. Quase 20 anos depois de ter começado a viajar de forma profissional, com os compromissos consolidados, decidi parar por um ano. Dessa paragem resultou o livro "1 Km de cada vez", que é precisamente uma espécie de elegia à liberdade de viajar ao sabor do tempo. É claro que a meio desse ano sabático (é curioso, eu viajante profissional, no meu ano sabático decido viajar) começaram a aparecer propostas de trabalho interessantíssimas e irrecusáveis, e eu acabei por não conseguir estar o ano inteiro só a fazer essa vida de viajante "flan-

PERFIL

neur". Sem me aperceber, acabei por escrever e trabalhar ao longo dessa viagem e nem notei que estava a recolher o material suficiente para um livro. Depois surgiram projectos que acabei por aceitar, nomeadamente o "Geografia das amizades", um documentário para a RTP2.

A sua vida é sempre, no fundo, uma viagem...

É sempre uma viagem, é sempre uma liberdade...

Até quando é que gostaria de fazer este tipo de vida?

Bem, os muçulmanos têm uma resposta muito boa para essa pergunta, é "inch'allha", expressão que depois com a arabização da Península Ibérica e com as raízes árabes que ficaram na língua portuguesa, tornou-se o nosso oxalá. Mas o "inch'allha" original dos árabes quer dizer "só Deus sabe", é o que Deus quiser. Portanto, essa pergunta, até quando?... "inch'allha", só Deus sabe. O futuro não está nas minhas mãos. Eu não estou preocupado em saber quando, ou como... A minha vida tem sido muito pausada por um fluir de oportunidades e tive de fazer opções. A vida é feita de opções, acho que optei sempre bem e não sei quando é que será o final disto tudo. Não faço a mínima ideia do que é que estarei a fazer no próximo ano. Há três ou quatro coisas já na forja, mas se calhar aparecerão outras... vai fluindo.

Há alguma viagem que ainda gostasse de fazer?

Há... Isto é como o escanção que não terá tempo suficiente de vida para provar todos os vinhos, já que cada vinho é diferente de ano para ano. Da mesma maneira, como viajante, olho para os destinos como um escanção olha para as diferentes colheitas. Ou seja, Venezuela aos 20 anos não é Venezuela aos 40, nem é Venezuela aos 60. Portanto as viagens que eu ainda gostaria de fazer são a todos os lugares onde eu já estive, gostaria de voltar a estes com outra idade.

E aquelas viagens que ainda não fez mas que nunca irá fazer?

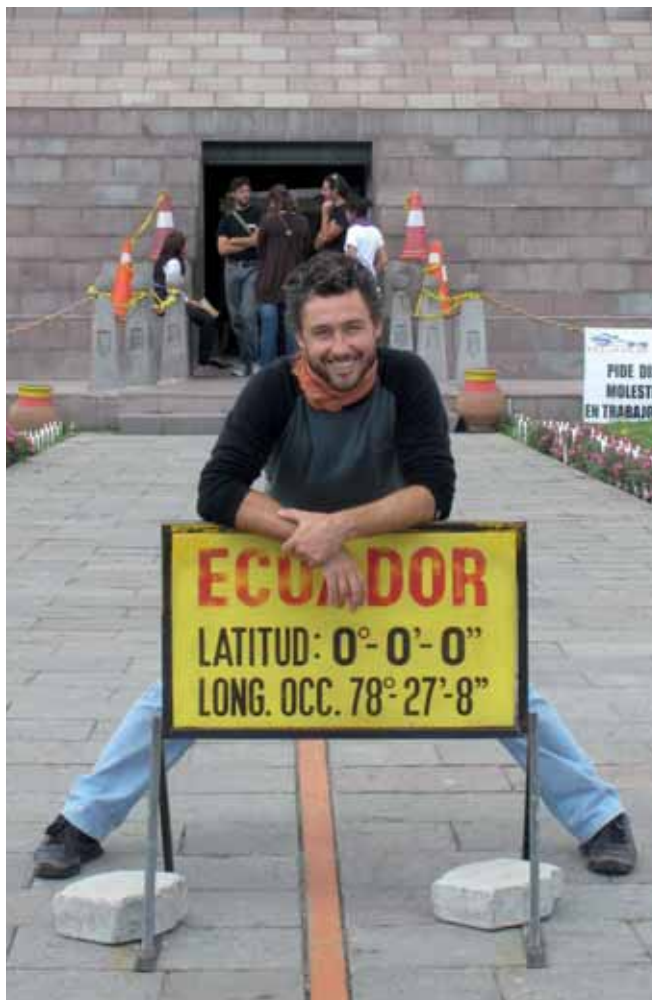
Mais uma vez é "inch'allha", quer dizer, esperemos que nunca tenha de as fazer. Há de facto viagens que à partida não me interessam rigorosamente nada, porque se calhar falta-lhes aquela componente cultural... se eu não estou com curiosidade de conhecer um lugar, para que é que hei-de lá ir, não é? Há sítios óbvios, eu costumo dar sempre o exemplo da Disneylândia ou do Dubai. O que não quer dizer que se um dia o Governo do Dubai me oferecer uma fortuna para eu ir lá fazer uma viagem e escrever sobre isso... Todos temos um prego e o meu até é muito baixo. Por isso é que digo "inch'allha", mas espero que o Governo do Dubai não me faça uma proposta irrecusável, senão terei mesmo de ir.

O Gonçalo é uma pessoa solitária?

Não. A solidão está sempre dentro de nós, independentemente de uma pessoa viajar pelo mundo ou não, ou estar em casa e fazer todos os dias a mesma coisa. Ser solitário é uma condição humana, não é uma condição itinerante. Eu não sou uma pessoa solitária, mesmo que esteja sozinho tenho imensas coisas para fazer comigo próprio, algumas andam mesmo a ser constantemente adiadas porque são importantes mas não são urgentes e não tenho tempo para as fazer. Eu nunca me aborreço sozinho e nunca sinto falta de outras pessoas, no sentido de estar incomodado com a ausência. Pelo contrário, os meus interesses fundamentais na vida são essencialmente actividades solitárias: ler, ouvir música clássica, tocar guitarra, fazer surf. Todas estas coisas são das mais coerentes da minha vida, porque gosto desde miúdo e continuo a adorar. Raras vezes tenho possibilidade de "ir" a estas minhas paixões sem ser incomodado.

Costuma dizer que "está-se muito mais vivo quando se viaja...". Pode explicar?

Isso tem a ver com o seguinte: quando viajamos estamos mais vivos, porque todos os dias são dias diferentes e então temos de estar mais



Equador (Dezembro 2008)



Nicarágua (Setembro 2009)

alerta, do que estamos na nossa vida do dia a dia, para toda uma série de situações que não estão previstas, que não quer dizer que sejam perigosas, são simplesmente "provocantes".

Na sua opinião, uma pessoa que viaja é diferente de uma pessoa que não viaja?

Sim, há uma frase muito boa de

Santo Agostinho para ilustrar: "O mundo é um livro, quem não viajou nunca saiu da primeira página". Acho que as pessoas que viajaram pela disponibilidade de crescerem, de descobrirem coisas novas no mundo e dentro de si, pela possibilidade de uma auto-estima e de um crescimento pessoal, são melhores e mais felizes, são melhores cida-



El Salvador (Agosto 2008)

dãos. Mas isso também tem a ver com a índole, há pessoas que sofrem de uma doença, que se chama agorafobia, em que o simples facto de saírem do pequeno bairro onde têm a sua vida os deixa em pânico. Essas pessoas se viajarem vão ser extremamente infelizes e vão entrar numa situação de doença crónica.

Como é fica o lado afectivo tendo em conta essa itinerância que é a sua vida?

Não há uma resposta única, cada caso é um caso. Claro que a forma como me relaciono com os meus sobrinhos não é a mesma do que em relação aos meus pais, que têm uma certa idade. Sinto que com eles, cada ano que passa é precioso, enquanto que com os meus sobrinhos tenho muito mais flexibilidade e muito menos urgência no contacto, porque tenho a noção que tenho a vida toda para desfrutar da sua companhia. O que posso dizer é que 20 anos depois de ter iniciado este tipo de vida, a estrutura emocional para lidar com a ausência e com a saudade das pessoas que amo é, em mim, completamente diferente da de um cidadão comum, que vive na

mesma cidade todos os dias. É uma capacidade que se desenvolveu normalmente. Não consigo explicar como funciona.

Mas vive bem com essa ausência e com a saudade?

Sim, o que eu gosto de dizer nestas questões é que nós temos de ser pragmáticos, senão complicamos a vida. Quando um problema não tem solução, deixa de ser um problema, não vale a pena estar a pensar nele. Quando estou longe, não posso estar perto. Portanto, é escusado estar a pensar em estar perto se estou longe. Vou é aproveitar o sítio onde estou, vou é desfrutar o momento, em vez de estar dividido entre o lugar onde estou e o lugar onde gostaria de estar.

O Gonçalo empenha-se, por vezes, em recolher donativos para ajudar determinadas pessoas dos locais onde passou. Diga-nos uma situação que o tenha marcado?

Aqui é preciso explicar que são situações pontuais e de grande proximidade pessoal. O que eu quero dizer com isto é que não ajudo nem defendo a solidariedade internacional e as grandes organizações humanitárias.

Pelo contrário, quanto mais viajo, mais tenho a noção de que é um erro manter esta situação que o ocidente tem mantido em relação ao terceiro mundo e à África. Porque continua a dar peixe ao homem, em vez de ensinar a pescar.

O que tenho feito é com pessoas que conheço, que são minhas amigas e vejo que uma pequena transformação nas suas vidas pode fazer a diferença, então aí intervenho. Talvez o caso mais exemplar é a história do Carlos de El Salvador, um padeiro da favela Porto La Libertad, que tinha um terço do seu rendimento mensal, de cerca de 150 euros, sempre canalizado para pagar o aluguer de uma máquina de fazer pão. Tem 5 filhos e não conseguia tê-los todos na escola, pelo contrário, precisava que estes vendessem pão com ele. Eu e um grupo de amigos juntámos o dinheiro suficiente para oferecer a máquina ao Carlos. Libertar um terço do seu rendimento permiti-lhe apostar na educação dos filhos.

As suas viagens estão repletas de sentimentos variados. Dê um exemplo de uma situação em que sentiu medo.

Os meus medos mais recorrentes têm sempre a ver com a condução na estrada, com acidentes rodoviários. Tem a ver com uma questão religiosa, de povos que não dão a mesma importância à vida que nós damos no ocidente. Somos cada vez mais materialistas e temos a noção que só temos uma vida e há que vivê-la, aproveitando os seus prazeres. Tenho receio quando vou ao Oriente, onde as pessoas acreditam na reencarnação, ou quando são aqueles muçulmanos ferventes que acreditam que quanto mais depressa morrerem mais depressa encontram Alá. Ou simplesmente, na América Latina, aquela atitude machista que provém da ignorância, do condutor embriagado que acha que é o melhor do mundo. E eu, o que é que faço? Cada vez que entro num autocarro no sul do mundo interrogo-me sempre se chegarei ao destino.

E uma surpresa?

Essas são um bocadinho complicadas, porque são tantas. O que vou dizer agora pode parecer um bocado "graxista", mas fiquei surpreendido a primeira vez que vim à Madeira, em Novembro de 2002. Como

PERFIL

ando sempre fora, não acompanho quase nada do que se passa no país, quer de notícias, quer de políticas, quer de inaugurações. Ao ver, aqui na ilha, a infra-estrutura urbana e rodoviária, todos os viadutos, as pontes, parecia que não estava em Portugal, mas sim num país tipo Noruega. Tenho que confessar, foi uma surpresa brutal chegar a uma região portuguesa e ver um desenvolvimento estruturado e funcional que parecia nórdico.

Conhece bem a ilha?

Sim, mais ou menos. Como venho cá regularmente para fazer surf, conheço toda a zona onde há ondas, todas as estradas que conduzem até lá e todas povoações pelo meio, onde se pára sempre para tomar um café.

Dá para escrever alguma crónica baseado no que já conhece?

Dá e já escrevi uma crónica que saiu há uns anos, que tinha que ver com esta espécie de pé no norte e pé no sul do mundo que é a Madeira. Aqui eu via ingredientes que só em Itália e no Mediterrâneo é que tinha conhecido, em Portugal nunca tinha visto ou não existem. Ao mesmo tempo via certos hábitos burgueses e cosmopolitas que também só teria visto na Europa central. Portanto, havia um misto de valências que me surpreenderam muito e foi sobre isso que incidiu a crónica que escrevi. Hoje, se tivesse de escrever a fundo sobre a Madeira, teria de começar a mexer em muitas coisas que são bastante chocantes, nomeadamente as assimetrias regionais a nível de mentalidade e comportamentos, comportamentos de alcoolismo, por exemplo, que são muito chocantes. O meu olhar não seria tão ligeiro como foi da primeira vez que estive cá.

Do que é que sente falta quando não está em Portugal?

Tento não sentir falta de nada. Costumo levar a minha guitarra, posso também estar algumas semanas sem encontrar sítios para surfar mas levo a prancha. O que eu sinto falta, independentemente de estar a viajar

LIVROS E DOCUMENTÁRIOS

Em Dezembro de 2002 inicia uma viagem à volta do mundo sem transporte aéreo que irá durar 19 meses, percorrerá 38 países e irá sendo publicada semanalmente, "em directo", no Expresso. Desse périplo resulta o livro "Planisfério Pessoal", editado em Maio 2005 pela Oficina do Livro, actualmente na oitava edição. Seguem "No princípio Estava o Mar", recolha de crónicas sobre surf editadas na revista Surf Portugal (Dez. 2005, Prime Books, 3ª Edição); contos de viagens em "A Lua Pode Esperar" (Junho 2006, Oficina do Livro, 6ª edição); e "África Acima" (Maio 2007, Oficina do Livro, 7ª edição), que recolhe as reportagens de uma travessia terrestre de 8 meses desde o extremo sul ao extremo norte do continente africano. Este livro encontra-se inserido no Plano Nacional de Leitura.

Em 2007 GC percorre os lugares da vida de Fernão de Magalhães, resultando desse projecto um documentário de 8 episódios para a RTP2, cuja autoria é da total responsabilidade do autor, e o livro "Nos Passos de Magalhães" (Maio 2008, Of. Livro 4ª edição, inserido no PNL).

Em Junho 2008 arranca para uma nova longa viagem à volta do mundo cujo intuito é o de celebrar o ano dos seus 40 anos e provocar um ponto de reflexão, um momento de "pausa" para olhar o passado e tentar imaginar um futuro que lhe seja compatível.

Em Dezembro de 2008, com o autor fora do país, sai uma compilação das suas histórias de viagem preferidas, "Tournée" (Dez 2008, Of. Livro, 3ª edição). Ao longo desse périplo recolhe material para um próximo documentário para a RTP2, "Geografia das Amizades" que é transmitido em 10 episódios ao domingo ao fim da tarde durante o Verão de 2010; e escreve o livro "1 KM de Cada Vez" (Nov 2009, Of. Livro), presentemente na quinta edição.

Durante 2010, ano em que se celebraram os 500 anos do nascimento de Fernão Mendes Pinto, Gonçalo Cadilhe dedica-se à produção de um novo documentário para a RTP2 sobre a vida e a obra do autor da Peregrinação. Emitido em dois episódios nos dias 12 e 13 de Dezembro, "Nos Passos de Fernão Mendes Pinto" foi filmado em vários países da Ásia e contou com a participação de alguns dos académicos portugueses mais instruídos na vida, obra e personalidade de Mendes Pinto.

Em 15 de Dezembro 2010 sai "O Mundo É Fácil – Aprenda a viajar com Gonçalo Cadilhe", livro-manual para viajantes independentes onde o autor partilha a experiência de 20 anos "on the road" com o leitor que sonha em partir. Em menos de um mês o livro alcança a segunda edição. Fonte: www.goncalocadilhe.com

ou não, é dos 20 anos, como dizia o Fellini: "Que desperdício a juventude na mão dos jovens". Sinto, cada vez mais, que estou a entrar naquela fase da vida em que as coisas físicas começam a ser ponderadas. Começo a fazer contas à idade, à energia. Estou numa fase de acentuada tomada de consciência das minhas limitações físicas e da idade.

E quando está em Portugal, sente falta daquela adrenalina própria da viagem e das coisas que experimenta lá fora?

Não. Quando estou em viagem estou sempre a trabalhar para um projecto e sempre com uma coerência no meu percurso. Estou em Portugal a terminar uma viagem e a começar uma próxima e só assim é que as viagens têm sentido, com essa chave que se roda na fechadura. Estar em Portugal é tão natural e fundamental como estar a viajar. São as duas faces da mesma moeda.

E férias, quando tira?

Gosto muito do que faço. Nunca

estou em férias, estou sempre a trabalhar nem que seja intelectualmente, a pensar em coisas, e todos os dias tenho o meu bocadinho de férias. Na Madeira há as 4 estações e na minha vida, no mesmo dia, há as várias fases laborais de um homem.

Há algum projecto que tenha deixado para trás por causa do tempo que ocupa com esta actividade de que tem?

Sim, mas isso não quer dizer que não venha a fazer. Como por exemplo escrever um livro de raiz que não tenha a ver com viagens, mas sim com literatura. Em que eu preciso, por exemplo, de estar sentado a uma mesa todos os dias a escrever, sem me preocupar com questões logísticas, viajar, o hotel, etc. Ter todos os dias uma rotina durante 4, 5 meses. Isso falta-me, mas não quer dizer que não venha a fazer. Qualquer resposta que dê é desnecessária, não pela pergunta, mas porque vale tudo, podia dizer



qualquer coisa e ficar com a ideia que estou a esquecer-me de outras coisas.

A sua experiência de escuteiro ajudou-o nesta sua vida de viajante?

Não, a experiência não ajuda no sentido de saber acender uma fogueira ou saber dar um nó. Mas, provavelmente se não tivesse sido escuteiro nunca teria despertado para a vida que levo. Acho que há uma raiz, na minha opção de vida, feita quando tinha 20 e poucos anos, que começa no dia em que entrei para os escuteiros. Ter entrado para os escuteiros foi uma das decisões fundamentais da minha vida.

Como explica que os seus livros tenham tanto sucesso em Portugal, um país cuja tradição de viagens não tem muito a ver com a sua?

Para haver uma tradição de viajar como eu viajo é necessário uma série de passagens sociais e cultu-

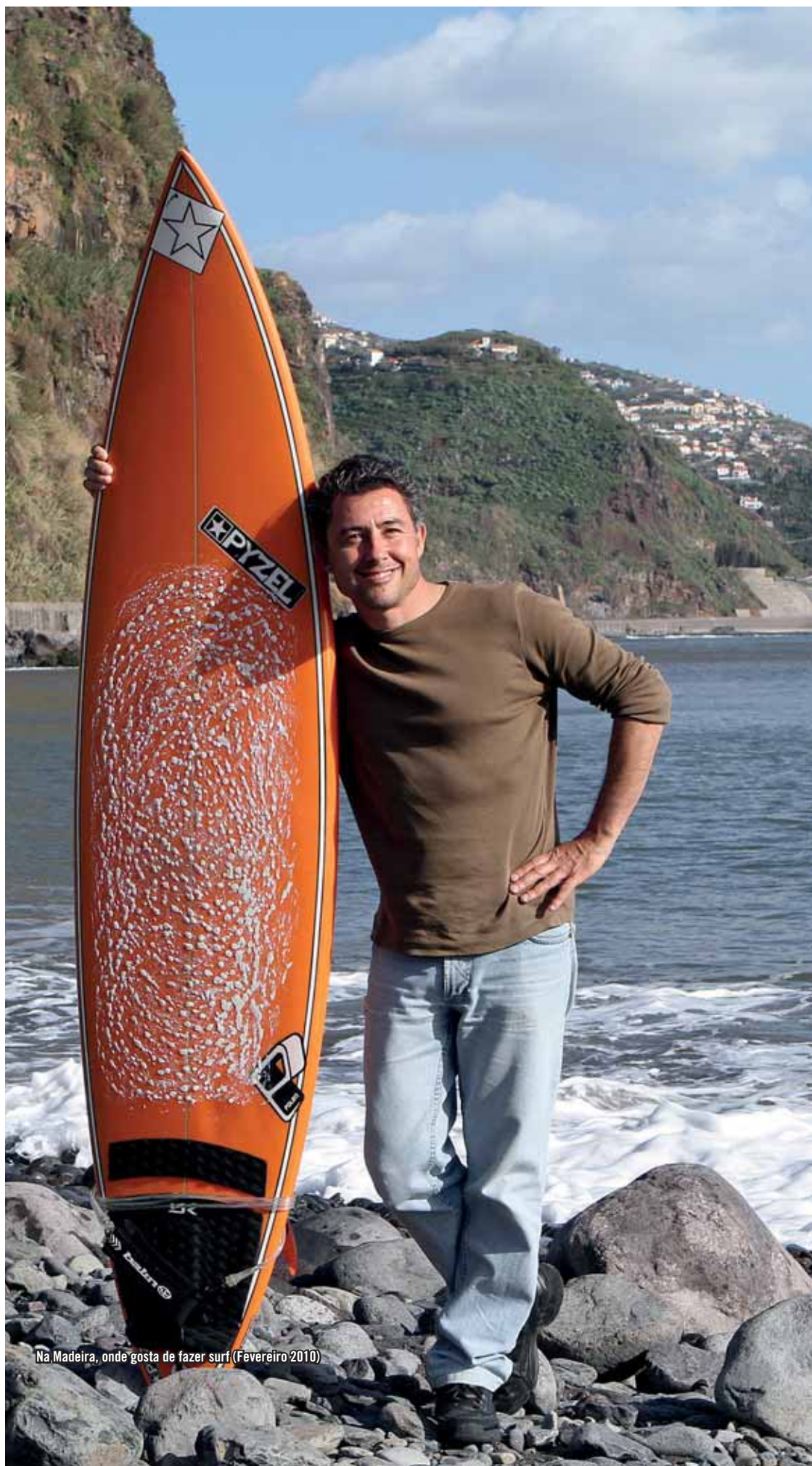
rais, de mentalidade, que demoram tempo. Portanto, não é verdade que não há essa tradição em Portugal, o que não houve ainda foi tempo para que ela se estabelecesse. Eu tive a sorte de chegar um bocadinho mais cedo e apanhei a crista da onda. Vamos assistir nas duas próximas décadas, apesar da crise, apesar do medo, apesar do desemprego, a um crescendo do sector viagens, das viagens independentes, viagens de mochila às costas, dentro da dimensão do nosso mercado. É assim que eu explico o interesse que os meus livros têm no público.

Qual é o itinerário que sugere a um viajante em iniciação?

Esse é um dos capítulos do meu livro novo. Sugiro itinerários baratos, interessantes culturalmente e paisagisticamente e que, ao mesmo tempo, tenham uma tradição muito grande de viajantes, de maneira a que o iniciante possa entrar dentro de um fluxo que já está perfeitamente consolidado. Exemplos clássicos disto são a Tailândia, a Malásia, Indonésia, Vietname, Camboja, Laos. Qualquer pessoa, mesmo que nunca tenha viajado, desembarca, por exemplo, em Bangkok, sai do aeroporto e vê logo centenas de pessoas a fazer exactamente o mesmo. Ocidentais de mochila às costas a inscrever-se em agências para irem fazer tracking, a comprarem bilhetes de avião, autocarro ou comboio para irem visitar os monumentos de Angkor. É tudo tão natural, tão fácil. Viajar pelo Sudoeste Asiático é uma experiência iniciática, no sentido que nos inicia num segredo, que é o título o meu último livro, "O mundo é fácil".

Que conselho deixa a um iniciante das viajantes?

O conselho tem a ver com a relatividade das nossas percepções do mundo. Conto sempre a seguinte história: quando estava na embaixada do Paquistão no Nepal, a pedir um visto para continuar a viagem para o Paquistão, estava lá uma rapariga do Nepal que também ia pedir um visto para aquele país. Metemos conversa e eu perguntei-lhe se era de lá, ao que ela respondeu que era de Katmandu. Depois ela perguntou-me de onde eu era e eu respondi que



Na Madeira, onde gosta de fazer surf (Fevereiro 2010)

PERFIL

QUEM É GONÇALO CADILHE?

Gonçalo Cadilhe nasceu na Figueira da Foz em 1968. Licenciou-se em Gestão de Empresas na Universidade Católica do Porto, em Setembro de 1992, fazendo parte da primeira “fornada” de licenciados deste curso. Durante os anos da Universidade frequentou também a Escola de Jazz do Porto. Depois de uma breve passagem pelo mundo da Gestão de Empresas, em Abril de 1993 começou a viajar e a escrever sobre viagens de forma profissional.

Nos primeiros anos da sua carreira de “viajante profissional”, para além de esporádicas colaborações em algumas revistas portuguesas, extremamente mal pagas como seria de esperar, exerceu também as seguintes actividades: músico da banda de Claudia Pastorino no night-club “Sapore di Mare”, Rapallo, Riviera Italiana (Primavera Verão 93); Vindimador no Médoc (Chateau Lynch-Bages) e em Sauternes (Chateau Suduiraut) (outono 93); Operário não qualificado no estaleiro de iates Saint-Germain, em Lavagna, Itália (Inverno 94); Responsável pelas reservas hoteleiras na estância de ski de Madonna de Campiglio, Alpes Dolomites, Inverno 94-95; Empregado de mesa no famoso restaurante “Puny”, em Portofino, Itália (Primavera-Verão 95).

A partir de 1996 dedica-se exclusivamente à escrita e publicação de reportagens de viagem. Ao longo destes anos colaborou com a extinta “Grande Reportagem”, ainda sob a direcção de Miguel Sousa Tavares, com o “Independente”, com a “Elle” e com a “Epicur”. Actualmente GC escreve crónicas regulares no Expresso, na Visão Viagens, no Blitz, na SurfPortugal e na revista de surf brasileira Hardcore. Tem às sextas-feiras no programa da manhã da Antena 1, às 09.40, uma crónica radiofónica sobre viagens.

Fonte: www.goncalocadilhe.com

Namíbia (Junho de 2008)

era de Portugal. Ela pôs as mãos na boca, deu um gritinho de admiração e entusiasmo e disse: “Oh Portugal, um país tão exótico!!!”. Eu pensei cá para mim, um país tão exótico? É o país mais banal do mundo. O Nepal é que é um país exótico.

Temos de nos mentalizar que vamos viajar para conhecer sociedades que estão perfeitamente organizadas e estruturadas. Nós é que vamos daqui com a ideia de que é um país exótico, onde tudo pode acontecer e não é verdade, não acontece nada, acontece o mesmo que aqui. Acontece mais aqui porque andamos com a “guarda em baixo”. O único sítio onde fui roubado por um carteirista foi em Lisboa, porque esqueço-me e ando à vontade... Agora, chego a Banguedoque, estou preocupadíssimo, a olhar para todo o lado a ver se alguém quer me roubar. Ninguém quer roubar-me, mas eu é que vou com essa condicionante mental e estou mais

atento, mais vivo, como dizia há pouco, e estou mais preparado.

Este seu último livro, “O Mundo é fácil”, é a recolha de muitos anos de experiência a viajar?

É uma experiência de cerca de 20 anos, mas a ideia do livro nasceu em Janeiro de 2009 e este foi sendo pensado, pesquisado e escrito entre essa data e Outubro de 2010. Foram quase dois anos em que andava a viajar. Estava com a atenção e a concentração muito focalizada para os temas que poderiam interessar para este livro.

O Gonçalo é do tipo de viajante que compra recordações dos locais por onde passa?

Não. Em média as minhas viagens demoram mais de um ano. Estou a lembrar-me da viagem descrita no “Planisfério Pessoal”, que é uma viagem de uma volta ao mundo sem aviões, que demorou 19 meses. Estou a lembrar-me também da via-

gem do livro “1 km de cada vez” que demorou 15 meses. A do livro “Nos passos de Magalhães” demorou 10 meses. Como é que eu posso andar a comprar coisas se ainda faltam, por exemplo, 15 meses para eu chegar a casa? Por outro lado, há 20 anos constantemente a viajar pelo mundo, precisava de viver num armazém para ter tudo o que comprasse. Portanto, tudo o que trago de souvenir são as memórias, as fotografias, também guardo muito os bilhetes, que aliás neste último livro estão muito presentes, etiquetas de cerveja, bem como as notas dos países. Mas não há dúvida que as melhores recordações são as que ficam na alma.

Como é que surgiu a iniciativa “Viagens com Gonçalo Cadilhe”?

Foi uma iniciativa proposta pela agência de viagens alternativas Nomad. São viagens baseadas numa ideia de interacção entre o guia líder

das viagens e os clientes, portanto não são viagens passivas, os participantes têm de trabalhar, colaborar para o bom êxito da viagem. O modelo é de imersão total na cultura dos países para onde se viaja. A Nomad propôs-me que eu organizasse viagens baseadas nos meus livros. Claro que para basear-me num livro para o qual estive 15 meses em viagem, não vou fazer uma viagem com esse mesmo período de tempo. Vamos fazer viagens de 15 dias, baseadas em excertos do livro que possam ser repetidos com um grupo de 12, no máximo, 15 pessoas. Tem corrido bem, já estamos há 3 anos a trabalhar em ritmo bastante intensivo, com uma média 3 ou 4 viagens por ano. Para além dos destinos muito pessoais, que estão relacionados com a minha obra, é importante o convívio, a amizade e os laços que se criam nos grupos. É um ambiente muito giro e é para continuar. ☺